



UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

Homens que Roubam Lolitas na Floresta: Violência Sexual contra Crianças e
Adolescentes

Sabrynne Mendonça de Souza

Rio Branco - AC

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

Homens que Roubam Lolitas na Floresta: Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.

Sabrynne Mendonça de Souza

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à uma Banca Examinadora, em formato de artigo, para obtenção do título de Bacharel em Psicologia.

Orientadora: Professora Doutora Madge Porto Cruz

Rio Branco - AC

2022

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE
CURSO DE BACHARELADO EM PSICOLOGIA

**Homens que Roubam Lolitas na Floresta: Violência Sexual contra Crianças e
Adolescentes.**

Sabrynne Mendonça de Souza

Banca examinadora

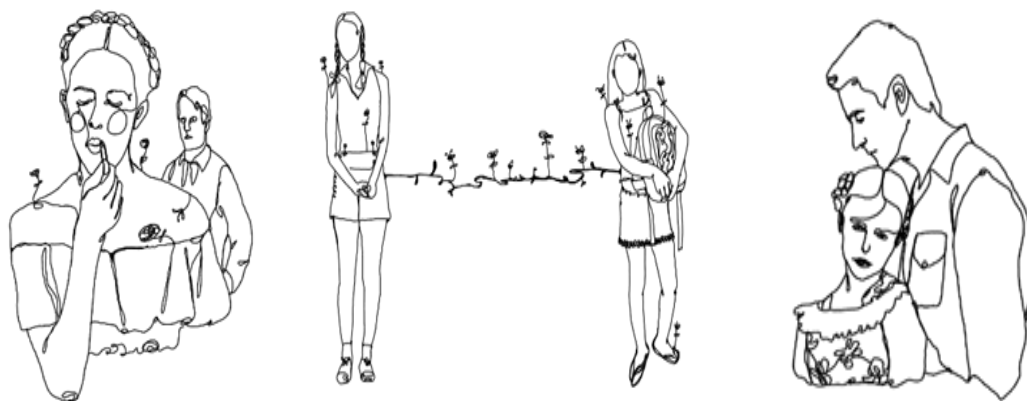
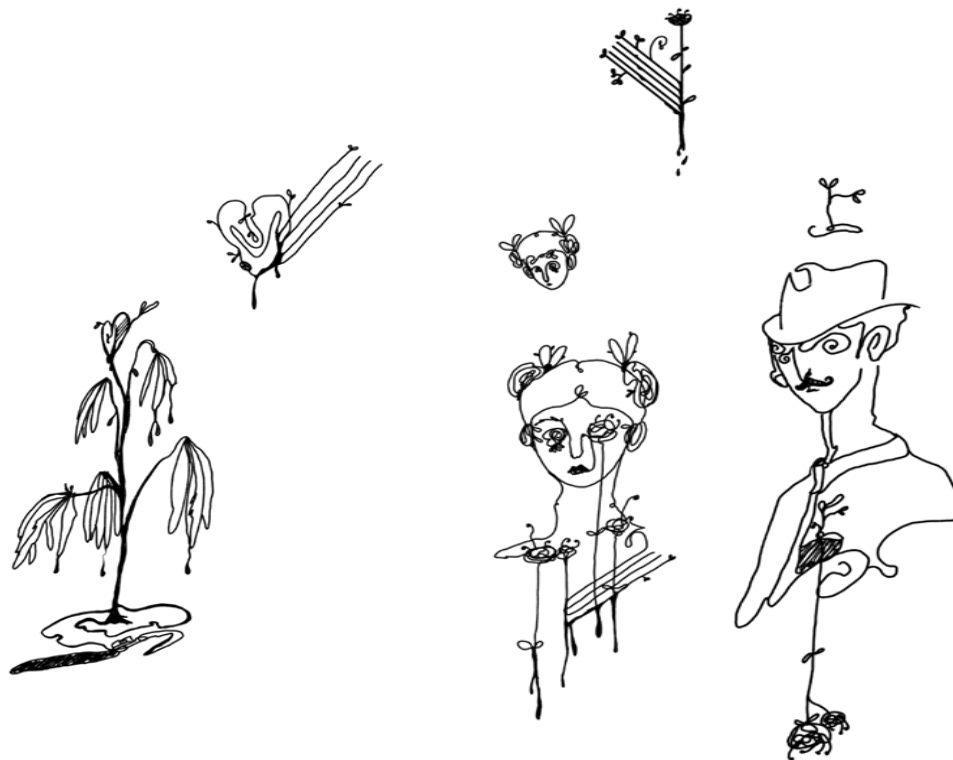
Professora Doutora Madge Porto Cruz - Presidenta
Universidade Federal do Acre - UFAC

Professora Doutoranda Maria Liliane Gomes dos Santos - Membro Interna
Universidade Federal do Acre - UFAC

Inez Maria Jalul Araujo de Oliveira - Membro Externa
Universidade Federal do Acre - UFAC - Professora Aposentada

Professora Doutora Silvane da Cruz Chaves - Membro Suplente
Universidade Federal do Acre - UFAC

Rio Branco, janeiro de 2022



Ilustrações utilizadas na defesa oral deste artigo, produzidas por Henrique de Souza Gomes ([instagram.com/heuriqe](https://www.instagram.com/heuriqe)). Não é permitido a reprodução dessas ilustrações sem a devida autorização.

AGRADECIMENTOS

À minha mãe, Maria do Perpétuo Socorro, pelo amor, apoio e dedicação, sobretudo para que eu pudesse ter a oportunidade de me dedicar aos estudos e batalhar pela minha realização profissional. Te amo.

À minha irmã, Sérgia Cristina, que me alfabetizou e sempre acreditou no meu saber. Sou grata por ter a oportunidade de experienciar a vida contigo, tu és uma mulher inspiradora.

Ao meu irmão, Sérgio Alessandro, pelos aprendizados adquiridos através das experiências que compartilhamos.

Aos meus gatos, Menina Xú, Jack Nino e o Kylo Pantera Neguim, por me fazerem feliz e contribuírem para que eu me torne uma pessoa mais consciente em relação à natureza.

Às amigas que foram consolidadas no decorrer da jornada acadêmica: Edgar, Renato, Gustavo, Mell, Lara, Henrique e Liliana. Agradeço muito pelos ensinamentos, as acolhidas, os momentos de diversão e as batalhas que travamos juntos, a companhia de vocês tornou a minha vida mais prazerosa.

Agradeço também a todo corpo docente do curso de Psicologia da Universidade Federal do Acre, especialmente à Profa. Dra. Madge Porto Cruz, por confiar neste trabalho e me transmitir ensinamentos que vou levar para vida. Meus sinceros agradecimentos, querida professora Madge, siga firme acreditando e lutando por dias melhores.

Homens que Roubam Lolitas na Floresta: Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes.

Men That Steal Lolitas in the Forest: Sexual Violence against Children and Adolescents.

Sabrynne Mendonça de Souza e Madge Porto Cruz

Universidade Federal do Acre

Nota da autora

Sabrynne Mendonça de Souza, graduanda de psicologia na Universidade Federal do Acre.

Madge Porto Cruz, professora doutora na Universidade Federal do Acre.

Nomes das autoras para citações: Souza, S. M.; Porto, M.

A correspondência relativa a este artigo deve ser endereçada à Sabrynne Mendonça de Souza, graduanda de psicologia na Universidade Federal do Acre. E-mail: sabrynne.souza@sou.ufac.br.

Rio Branco - Acre

2022

Resumo

A histórica invisibilidade a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes está intimamente relacionada aos modelos culturais que recebem influência do patriarcado. Deste modo, uma vez que as tecnologias de gênero podem comandar a área do significado social, e promover representações de gênero, é necessário entender como ocorrem determinados movimentos subjetivos que reforçam modelos de gênero e provocam adoecimento psíquico. Sendo assim, objetivou-se neste artigo analisar se há violência sexual na obra cinematográfica *Lolita* e no capítulo VIII do livro *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre*, intitulado de “homens que roubam mulheres na floresta”, bem como verificar se há semelhança entre os tipos de violências nas duas obras. Esta é uma pesquisa qualitativa, do tipo documental, de caráter descritivo e exploratório, analisada por meio do método hermenêutico-dialético. A partir da análise, foi identificado a presença de violência sexual em ambas as obras, bem como, verificou-se que a narrativa do livro reproduz o modelo ocidental mostrado no filme por meio das suas similaridades.

Palavras-chave: violência sexual; criança; adolescente; tecnologias de gênero; psicologia.

Abstract

The historical invisibility regarding sexual violence against children and adolescents is closely related to cultural models that are influenced by patriarchy. Thus, since gender technologies can command the area of social meaning, and promote gender representations, it is necessary to understand how certain subjective movements occur that reinforce gender models and cause psychic illness. Thus, this article aimed to analyze if there is sexual violence in the cinematographic work *Lolita* and in chapter VIII of the book *Aquirianas: women of the forest in the history of Acre*, entitled "men who steal women in the forest", as well as to verify if there is similarity between the types of violence in the two works. This is a qualitative, documentary

and descriptive and exploratory research, analyzed through the hermeneutic-dialectical method. From the analysis, the presence of sexual violence was identified in both works, as well as, it was verified that the narrative of the book reproduces the Western model shown in the film through its similarities.

Keywords: sexual violence; child; adolescent; gender technologies; psychology.

O presente estudo originou-se a partir de um debate ocorrido em sala de aula, em que a autora compartilhou a experiência de estágio vivenciada em um presídio no Acre. Na ocasião, surgiram comentários sobre detentos que cumpriam pena sob o motivo de estupro e que, segundo suas fichas pessoais, se referiam a homens da zona rural que se casaram com meninas e foram denunciados. Tal discussão gerou um estranhamento na autora, por pensar serem habituais relações como essas, chegando a compartilhar uma situação semelhante de seu contexto familiar – o casal Sara e Abraão (pseudônimos), casados há mais de quatro décadas, mas que constituíram uma família quando ela tinha 12 anos, esperando o primeiro filho, e ele 20 anos – o que, posteriormente, decorreu em um incômodo ao constatar que, a partir do argumento de uma colega, mesmo havendo casamento tratava-se de uma situação de delito.

Então, no decorrer da graduação buscou-se entender a dinâmica que envolve ações que violam os direitos das crianças e adolescentes e, com efeito, propaga a (re)produção de discursos que naturalizam e/ou romantizam meninas estarem namorando e/ou casando informalmente com homens adultos. Dito isso, o filme *Lolita* (Lyne, 1997) – uma produção franco-americana do final do século XX – e o livro *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre* (Souza, 2010) – uma produção recente voltada para a história local –, foram

obras que, aliadas ao referencial teórico destacados a seguir, suscitaram uma reflexão e tomada de consciência sobre as situações de violência sexual contra crianças e adolescentes.

Em primeiro lugar, é importante destacar que as relações sociais estão pautadas em um sistema que garante aos homens o acesso sexual sobre as mulheres. Assim, compreende-se que a histórica invisibilidade a respeito da violência sexual contra crianças e adolescentes está intimamente relacionada aos modelos culturais que recebem influência do patriarcado, pois, não só as mulheres são objetificadas, mas as crianças também são apontadas como propriedades do homem provedor da família (Moreschi, 2018).

Pateman (1993), em *O contrato sexual*, apresenta a teoria política contratual e a sua relação com o patriarcado. A autora elucida a teoria do pacto original, responsável pelo contrato social e o contrato sexual, aos quais o primeiro sustenta as relações sociais livres e o segundo garante aos homens a submissão das mulheres e o direito de as objetificar sexualmente. Portanto, o pacto original é responsável por traçar o aprisionamento das mulheres e manter a liberdade dos homens, assim como é o meio pelo qual o patriarcado moderno se constituiu.

Saffioti (2004/2015), por outro lado, não faz uso da teoria contratualista, porém compartilha da análise de Pateman ao reiterar que o poder patriarcal não é uma unidade privada, mas um regime presente em todas as esferas da sociedade em que as relações homem-mulher estão alicerçadas na hierarquia, no material e no social, fazendo com que os homens possuam o frequente acesso sexual sobre as mulheres, sejam elas crianças, adolescentes ou adultas.

Ao fazer alusão ao regime patriarcal e a histórica invisibilidade da violência sexual contra meninas, é importante evidenciar que foi em virtude dos movimentos sociais ocorridos por volta do século XX, que a violência sexual contra crianças e adolescentes foi inserida no contexto dos direitos humanos e apontada como problema social (Amorim, 2005). Em 1989,

foi aprovada internacionalmente a Convenção sobre os Direitos da Criança, com efeito, o Brasil incorporou no Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA) concepções e preceitos do texto internacional (UNICEF, 2019) e, no decorrer dos anos, foram traçadas diretrizes para a promoção e garantia dos direitos desses indivíduos.

Atualmente, a violência sexual é reconhecida como problema de saúde pública, com os canais de denuncia apresentando aumento contínuo a cada ano. Para se ter uma ideia, um levantamento inédito elaborado pela UNICEF em colaboração com o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), a partir da análise dos boletins de ocorrência registrados em todos os estados do país, no período entre 2016 e 2020, com o objetivo de examinar os dados sobre mortes violentas e a violência sexual, revelou que:

[...] a grande maioria das vítimas (quase 80%) são meninas. Um número muito alto de casos envolve vítimas entre 10 e 14 anos de idade, sendo 13 anos a idade mais frequente entre os casos registrados. De 2017 a 2020 – houve um problema com os dados de 2016 –, uma média de 45.000 crianças ou adolescentes foram vítimas de estupro por ano [...] (Rossi, 2021, 22 de outubro).

Em outras palavras, o estudo aponta que a cada hora, cinco crianças ou adolescentes são vítimas de violência sexual. Todavia, deve-se considerar a subnotificação dos casos de estupro, fazendo crer que, em concordância com que pontua Moreschi (2018), na realidade esse cenário pode ser ainda mais grave e desconhecido da sociedade.

Ainda sobre as políticas públicas brasileiras, foi elaborado o Plano Nacional de Enfrentamento da Violência Sexual contra Crianças e Adolescentes. Nesse documento, Gadelha e Santos (2013) descrevem a violência sexual como um macro conceito compreendido como “todo ato, de qualquer natureza, atentatório ao direito humano ao

desenvolvimento sexual da criança e do adolescente, praticado por agente em situação de poder e de desenvolvimento sexual desigual em relação à criança e adolescente vítimas” (p. 22), e sendo subdividido em: abuso sexual e exploração sexual.

Diante da compreensão dessas autoras e autores, que descrevem a violência sexual como macro conceito, optou-se neste estudo dar enfoque unicamente nas características do abuso sexual. No entanto, será utilizado o termo “violência sexual” ao invés de “abuso sexual”, em conformidade com Von Hohendorff e Patias (2017), que problematizam a palavra “abuso” como não sendo o termo mais adequado, embora muitas publicações o utilizam. Segundo as/os autoras/es, “abuso” estaria relacionado ao uso acima do que é considerado “normal”, dito de outra forma: um uso excessivo e neste caso, quando se fala em criança e adolescente, não há “uso” sexual possível.

Posto isso, compreendendo que as concepções de infância, adolescência, sexualidade e violência também se estabelecem nas relações de gênero, e que o sujeito é constituído tanto pela diferença sexual quanto pelos códigos linguísticos e pelas representações culturais (Lauretis, 1994; Zanello, 2018), faz-se importante voltar o olhar para um elemento que contribui na produção, manutenção e reprodução das dinâmicas patriarcais que resultam na violência sexual contra meninas, as tecnologias de gênero.

As Tecnologias de gênero, segundo Lauretis (1994), possuem o “poder de controlar o campo do significado social e assim produzir, promover e “implantar” representações de gênero” (p.228), como efeito, essas tecnologias contribuem para a determinação de locais ocupados pelo masculino e o feminino na sociedade e ajusta a forma como esses são percebidos pela sociedade, o que implica na própria autorrepresentação de cada sujeito.

Zanello (2018), elenca os exemplos de tecnologias de gênero como o cinema, desenhos, revistas, propagandas, músicas, práticas da vida cotidiana, entre outros, uma vez que podem comandar a área do significado social e “inserir”, promover e produzir

representações de gênero. De acordo com Zanello (2018), ao interpelar performances do que é ser masculino e feminino em nossa sociedade, as tecnologias de gênero produzem caminhos privilegiados de subjetivação divergentes para homens e mulheres, caminhos estes que se dão através do dispositivo de eficácia para eles e os dispositivos amoroso e materno, para elas.

Lolita e os Homens que roubam mulheres na floresta

Lolita é um romance escrito pelo russo Vladimir Nabokov em meados dos anos 50, cujo enredo se passa nos Estados Unidos, país este em que o autor residia enquanto planejava a publicação do livro. Entretanto, a primeira publicação não ocorreu nos Estados Unidos, pois as editoras se recusaram a publicá-lo devido às críticas negativas que a obra recebeu. Nabokov conseguiu que o livro fosse publicado na França mas, logo após as vendas iniciarem, foi interditado¹ por ter sido apontado como pornografia. Por fim, em meio a negociações com as mais variadas editoras, *Lolita* foi publicado no segundo semestre de 1958 em solo estadunidense e se tornou um *best seller* (Tavares, 2016).

Na década de 1960, o livro foi adaptado para o cinema por Stanley Kubrick. Todavia, mesmo sendo considerado um clássico, a história de Nabokov permaneceu causando incômodo na sociedade. À vista disso, Batista (2010) destaca que Kubrick atenuou diversas características dos/as personagens a fim de evitar a censura e a proibição.

Por sua vez, em 1997, o diretor Adrian Lyne fez uma readaptação de *Lolita*. A história é narrada por Humbert, um imigrante europeu de meia idade, que aluga um quarto na casa da viúva Charlotte. No decorrer das cenas o protagonista relata a sua paixão e o envolvimento amoroso com a filha de Charlotte, Dolores, a qual Humbert a chama, entre outros cognomes, de “Lolita”. Ainda de acordo com Batista (2010), nessa década “os padrões de beleza feminina se voltaram para as mulheres jovens, o que significa que, no período,

¹ As cópias do livro foram proibidas de entrarem no Reino Unido e posteriormente foram interditas na França (Tavares, 2016).

passou a haver maior valorização do corpo jovem como objeto de desejo para adultos.” (p. 35).

Considerando o contexto descrito pela autora, a produção de Lyne manteve as alterações feitas por Kubrick - na idade da menina, retratando-a com 14 anos, e na autoconsciência do protagonista sobre ser um pedófilo, entre outras. - mas, as cenas receberam mais conteúdo sexual. Enquanto Humbert é apresentado como um personagem movido por sua paixão, Dolores é retratada com a dualidade de atitudes infantis e comportamento sedutor e manipulador. Por esse motivo, optou-se por discutir *Lolita* através da produção de Adrian Lyne, mediante a percepção de que essa versão apresenta elementos que reforçam o estereótipo de meninas consideradas ninfetas² e, conseqüentemente, fomenta a “cultura Lolita” que corrobora a infantilização de mulheres e está integrada nas diversas esferas industriais, como: a moda, estética, música, pornografia, entre outras.

Em 2010, o historiador Carlos Alberto Alves de Souza publicou o livro *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre*, em que o capítulo VIII, intitulado “Homens que roubam mulheres na floresta”, apresenta entrevistas que foram realizadas com moradores da zona rural, situados na BR-364, entre os municípios de Manuel Urbano e Feijó. As entrevistas foram retiradas do projeto de pesquisa “Meninos da Poeira”, realizado em 2008 pelo referido autor e o professor Euzébio de Oliveira Monte (ambos do departamento de História da Universidade do Acre - UFAC). Isso posto, o historiador destaca no capítulo que na Amazônia, especificamente no Acre, é expressivo que damas, mulheres e/ou meninas sejam roubadas das casas de seus pais ou maridos por aventureiros.

Conforme Souza (2010), essa prática é cultural pois ocorre desde a segunda metade do século XIX, quando os nordestinos migraram para os seringais da Amazônia brasileira e a

² Conforme o significado de ninfeta no dicionário online: Menina adolescente que, podendo ou não ter a intenção de parecer sensual, é considerada pelos olhos de quem a vê como muito sensual; lolita. acessado em 11/01/2022 em <https://www.dicio.com.br/ninfeta/>

recriaram. Como efeito, ela passou a contribuir para a reprodução social dos/as trabalhadores/as da floresta. Ainda, nas palavras do historiador: "a população denomina essa prática de sedução de 'roubo'. A mulher chega a fugir de sua casa na companhia de um aventureiro. Será isso roubo?" (p 127), e segue pontuando que comumente os casais não obtêm a autorização dos pais para se casarem, sendo a fuga utilizada como única alternativa para a união.

Portanto, compreende-se que é necessário estudar tecnologias de gênero como essas, para entender como ocorrem determinados movimentos subjetivos que reforçam modelos de gênero e provocam adoecimento psíquico. Assim sendo, o presente trabalho teve por objetivo analisar se há violência sexual na obra cinematográfica *Lolita* (Lyne, 1997) e na "cultura dos homens que roubam mulheres na floresta" (Souza, 2010), bem como o objetivo específico de verificar se há semelhança entre os tipos de violência nas duas obras, partindo das seguintes hipóteses: tanto o filme quanto o livro apresentam violência sexual contra crianças e adolescentes; a narrativa do livro reproduz, de certo modo, o modelo ocidental mostrado no filme sobre como as meninas são objetificadas sexualmente na sociedade patriarcal.

Método

O presente trabalho é uma pesquisa qualitativa, do tipo documental e de caráter descritivo e exploratório, analisada por meio do método da hermenêutica-dialética, proposta por Minayo (2014). Conforme a autora, a técnica da hermenêutica-dialética constitui uma via importante do pensamento para respaldar pesquisas qualitativas na busca da compreensão mais realista acerca da prática social empírica dos indivíduos em sociedade em seu movimento contraditório, pois é levado em consideração tanto o contexto do autor da obra quanto o contexto do investigador (Minayo, 2014). A junção da hermenêutica com a dialética é uma combinação, de oposições complementares, que permite ao investigador compreender o objeto de estudo através da experiência cultural, vivências, significados compartilhados,

símbolos, práxis e contexto, juntamente com o diálogo focado na pergunta, na controvérsia e na crítica informada sobre eles.

Inicialmente, existia a intenção de realizar apenas a tabulação das formas de violência sexual explícitas e implícitas, conforme os conceitos apresentados pela *World Childhood Foundation*³ (Childhood Brasil, 2019), separadas a partir dos seguintes tipos e seus respectivos subtipos: 1. Violência Sexual Com Contato Físico: Toques nos órgãos genitais; Ser tocada sem consentimento; Ser beijada sem consentimento; Tentativas de relações sexuais; Masturbação; Estupro (sexo oral e /ou penetração); Tentativa de abuso sob efeito de álcool ou outras drogas. 2. Violência Sexual Sem Contato Físico: Assédio Sexual (comentários com apelos sexuais indesejados; cantada ofensiva; abordagem agressiva; chantagem (ameaça); Violência sexual verbal (falas erotizadas); Exibicionismo e voyeurismo (o abusador exhibe os seus órgãos genitais ou se masturba em frente a criança ou adolescente; observar fixamente os órgãos genitais da criança ou adolescente); Exibição de material pornográfico.

Todavia, o instrumento de coleta elaborado permitiu identificar apenas os seguintes subtipos: Ser tocada sem consentimento (explícita); Estupro (sexo oral e/ou penetração; explícito e implícito); Violência Sexual Verbal (falas erotizadas; explícita); e Voyeurismo (implícito). Isso indicou que, tanto o filme quanto o livro apresentaram, predominantemente, características de violência sexual de forma sutil, que impossibilitaram identificar as ocorrências que se associassem nos demais subtipos. Logo, os subtipos que não foram preenchidos foram excluídos.

Com base nisso, baseando-se nos estudos de Silva e Koller (2008) e Vieira (2018) – que discorrem sobre a criança na visão de homens acusados de violência sexual e sobre as representações sociais da violência sexual contra crianças e adolescentes, em profissionais da

³ Instituição certificada como Organização da Sociedade Civil de Interesse Público - OSCIP

política de assistência social –, em conjunto com as diferentes formas de violência sexual explícita, consideradas por *Childhood Brasil* (2019), e os outros estudos que serviram de base para fundamentar a criação deste trabalho, criou-se um novo instrumento utilizando os seguintes termos: 1. Criança; 2. Adolescente; 3. Mulher; 4. Homem; 5. Casamento; 6. Namoro; 7. Jogos sexuais; 8. Consentimento implícito e explícito; 9. Vulnerabilidade; 10. Sexo; 11. Amor; e 12. Violência; o que viabilizou, inclusive, a análise de violências sexuais veladas, mediante os pressupostos que as fundamentam.

A partir dos resultados obtidos, foi possível elencar duas categorias de análise: 1. Falas que naturalizam a violência sexual; 2. Falas que denunciam a violência sexual. Em seguida, fez-se a comparação entre os resultados das análises das obras a fim de identificar as semelhanças e diferenças. Nesse contexto, foi possível identificar o que era apresentado como um fenômeno aceito e o que, a partir dos critérios utilizados nesse estudo, se configurava situações de violência.

Resultados e discussão

A análise da categoria "falas que naturalizam a violência sexual" permitiu formular três núcleos temáticos de discussão: a) Humbert, Dolores e os Dedos mágicos, b) Homens que roubam meninas na floresta, c) "Mulheres" roubadas na floresta: as Lolitas do Acre. No que se refere a categoria "falas que denunciam a violência sexual", como não foram verificadas semelhanças entre as obras de falas que denunciam, apenas dois núcleos temáticos foram formulados: a) A violência que precisa ser disfarçada, b) A violência contra as meninas da floresta quando é enunciada.

Humbert, Dolores e os Dedos mágicos

A priori, a história apresentada no filme é contada pelo protagonista, ou seja, a narrativa transmitida para o espectador é a versão de Humbert sobre a sua relação com Dolores, de modo que a menina é totalmente silenciada. Isso posto, ao passo que Humbert se

instala na casa de Charlotte (mãe de Dolores) e vivencia a dinâmica do ambiente, ele empreende movimentos para seduzir a menina sem que as outras pessoas envolvidas na trama tenham conhecimento.

Humbert observa atentamente o corpo de Dolores, sexualizando até o mínimo movimento feito pela menina e realiza carícias, as quais na medida que são mostradas como gestos que causam prazer no protagonista, são disfarçadas de toques ingênuos. Logo em seguida, ele conquista a confiança de Dolores, se colocando na posição de amigo e cúmplice das vontades dela; depois, há o pacto de silêncio entre ambos para que Charlotte não descubra a relação. À vista disso, as ações do protagonista ocorrem em conformidade com as etapas da dinâmica de violência sexual, descritas na cartilha *Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes – Abordagem de Casos Concretos em uma Perspectiva Multidisciplinar e Interinstitucional* (Brasil, 2021).

Dolores é descrita por Humbert como uma adolescente que não sente pudor, se comporta de acordo com os próprios desejos e todas as suas ações são voltadas para a sedução. Ao ser apresentada pelo olhar de Humbert a menina é constantemente erotizada, de modo que aparece nas cenas com a roupa molhada e transparente, apenas de calcinha e camisa de punho, trocando de roupa dentro do carro e comendo banana sugestivamente. Consequentemente, todas essas cenas transmitem a objetificação de Dolores, de modo que equivale à discussão destacada por Lauretis (1994),

já algum tempo [...] teóricas feministas na área do cinema vinham escrevendo sobre a sexualização das estrelas do cinema em filmes narrativos e analisando as técnicas cinematográficas (iluminação, enquadramento, edição etc) e os códigos específicos (por exemplo, a maneira de olhar) que constroem a mulher como imagem, como objeto do olhar voyeurista do espectador (p.221).

No que se refere a erotização das ações de Dolores e a naturalização da relação amorosa de um adulto com uma menina, pode-se utilizar como exemplo o momento em que ela pede moedas para acionar uma ferramenta de massagem acoplada a cama do hotel, segue o diálogo da cena:

Dolores: Dê-me uma moeda de 25 e uma de 10 centavos..

Humbert: Para quê?.

Dolores: Para os 'Dedos Mágicos'.

Humbert: Meus 'Dedos Mágicos' não servem? (Lyne, 1997).

Ao ouvir o questionamento, a menina revira os olhos e Humbert lhe entrega as moedas e volta para o banho. Isso se assemelha ao que diz Saffioti (2004/2015), no que se refere ao direito sexual que os homens possuem sobre as mulheres, que naturaliza, por exemplo, que o professor de meia idade, Humbert, ou qualquer outro homem, tenha não só a liberdade de objetificar sexualmente crianças e adolescentes como de se relacionar com elas de forma instintiva.

Por outro lado, Charlotte (mãe de Dolores), uma mulher adulta, é caracterizada na sua totalidade pelas responsabilidades maternas e pela queixa de ser viúva. Com isso, a vaidade é indispensável para que consiga um novo marido, corroborando com o que discute Zanello (2018), sobre o amor ser um fator identitário uma vez que Charlotte se subjetiva na relação consigo mesma por meio do desejo de ser escolhida pelo protagonista. Assim, como é medida pela sua capacidade de cuidar. No entanto, Humbert a descreve como uma figura autoritária, conflituosa e que fala em demasia, evidenciando que apenas casou com ela porque desejava ficar perto da enteada.

Após a morte de Charlotte, Humbert busca Dolores no acampamento de verão e juntos iniciam uma viagem pelos estados do país. Humbert se aproveita dessa situação para assumir a posição de estar ajudando-a por ser a única pessoa que ela tem no mundo. Por conseguinte, o protagonista representa um papel fragmentado entre ser a figura paterna da menina e ser o amante dela, o primeiro ocorrendo apenas quando em contato com outras pessoas e o último quando a sós, exercendo o controle sobre ela.

Ainda, a narrativa retrata que, mesmo Dolores sendo uma adolescente, ela possui a liberdade sexual que os anos 90 proporcionaram para as mulheres. Conforme salienta Zanello (2018), no fim do século XX, as mulheres vivenciaram uma mudança em suas vestimentas e em seus modos de se comportar, os quais passaram a voltar-se para a sexualidade, devendo “se mostrar, exhibir seu corpo, ser erotizada e se mostrar desejosa de sexo. A sexualidade virou um imperativo” (p.78).

À vista disso, na primeira cena em que ocorre a conjunção carnal/estupro, é mostrado que o ato partiu do desejo de Dolores, ela não só consentiu como foi quem tomou a iniciativa. Sendo assim, a comunicação isenta Humbert da responsabilidade sobre o ato, pois uma vez que a menina pertence ao gênero que é mais carnal e perverso por natureza (Federici, 2017), ela não só possui a autonomia que é atribuída às mulheres como é responsável pelas ações que a envolvem. Essa percepção é corroborada pela afirmação do protagonista após a referida cena: “Senhoras e senhores do júri, eu não fui o seu primeiro amante” (Lyne, 1997).

Por conseguinte, Dolores também é apresentada como uma menina manipuladora que impõe as suas vontades e diverte-se com os sentimentos de Humbert. Desse modo, é transmitida a ideia de que as ações de Humbert ocorrem porque a paixão sexual não apenas destrói a autoridade do protagonista sobre Dolores como destrói a capacidade de governar a si mesmo (Federici, 2017), reafirmando aspectos do dispositivo da eficácia, que é marcado por dois pilares, a virilidade sexual e a virilidade laborativa (Zanello, 2018), por meio da

violência física e sexual. Sendo assim, a figura do homem que sente e põe em prática seus desejos sexuais por crianças e adolescentes é empregada de forma romantizada, o que garante a ele a possibilidade de justificar suas atitudes e de ser chancelado na presença de outros homens.

Homens que roubam meninas na floresta

Souza (2010) utiliza as nomenclaturas mulher, moça e dama para discorrer sobre o roubo de crianças e adolescentes na floresta. Esses termos utilizados pelo autor reforçam que a leitura do capítulo seja realizada de forma que se possa inferir que a relação com meninas por volta dos 13 anos de idade é um fenômeno romantizado nos seringais (regiões rurais) acreanos, localizados na BR-364.

Quando o autor se refere às mulheres que residem nos seringais, tanto as que são casadas como as que não são casadas, não há menção sobre a idade delas, de modo que, essa informação é transmitida como um detalhe inferior nas falas das pessoas entrevistadas. Nesse sentido, não só a relação mas também “o casamento de meninas com idades entre 12 a 18 anos com homens adultos é altamente normalizado, a ponto de não ser considerado um problema” (Taylor et al., 2015, p.127).

O envolvimento dos homens com as meninas ocorre mediante etapas, que são equivalentes às da dinâmica de violência sexual (Brasil, 2021), de modo que eles iniciam uma relação com as meninas sem que os familiares tenham conhecimento e quando há o momento oportuno elas são retiradas de casa. O relato de Raimunda, mãe de uma das meninas, exemplifica essa dinâmica

Se namorava talvez escondido, que nós não percebemos. Que ela estudava, aí nós talvez não sabia. [...] Aí ela, quando foi um dia, nós fomo fazer uma farinha, quando

nós chegamos em casa, ela não tava mais. Ela só levou o registro dela de casa. (Souza, 2010, p.130).

Dito isso, destaca-se que tanto a narrativa do historiador quanto as narrativas das pessoas entrevistadas, apresentam a justificativa de que esse fenômeno ocorre mediante o consentimento das meninas, a título de exemplo, ao que Francisco apresenta sua percepção sobre a dinâmica do roubo das meninas, ele afirma: “[...] Eu não faço nada. Eu não empato não. Tá na vontade delas. Aí ela quem vê, quem decide [...]” (Souza, 2010, p. 132).

Francisco, é pai de uma das meninas e destaca que não é responsável pelas atitudes da filha de 13 anos. Desse modo, tal discurso favorece a proteção de homens adultos, enquanto responsabiliza e discrimina as meninas (Taylor et al., 2015). Por conseguinte, no tocante à relação social de pacto entre os homens (Pateman 1993; Saffioti 2004/2015; Zanello, 2018) o historiador destaca que esse pai tem uma atitude zelosa e protetora com a filha.

Sendo assim, as meninas são colocadas na posição de consentir e de se responsabilizar pelos próprios atos, não importando a idade cronológica, visto que elas passam a ser encaradas pelo viés de uma idade biológica que permite que a comunidade as considere como mulheres adultas. O que remete às inúmeras ambiguidades e lacunas sobre consentimento na legislação brasileira (Taylor et al., 2015), como no artigo 1.520 do Código Civil, o qual consta que meninas e meninos não podem se casar antes dos 16 anos sem o consentimento dos pais, no entanto essa lei apresenta uma margem para a interpretação de que em caso de gravidez, as meninas (e somente elas) podem casar.

Em outras palavras, quando a menina experiencia a iniciação sexual precoce com um adulto, lhe é atribuído o estereótipo de mulher adulta, responsável pelos próprios atos e com o dever de assumir a vida conjugal, visto que está apta a procriar e formar uma família. O que é corroborado no estudo de Zanello (2018), que apresenta o engendramento das mulheres por

meio do dispositivo amoroso e do dispositivo materno, de modo que os relacionamentos amorosos são identitários e a capacidade de cuidar juntamente com a capacidade de procriar, são interpeladas como algo inato das mulheres. Como efeito, crianças e adolescentes não só estão sujeitas a essa dinâmica como são objetificadas sexualmente.

No que concerne a responsabilização do homem, o historiador pontua brevemente que o sedutor de uma adolescente de 13 anos poderia ser denunciado por estupro, porque há a possibilidade do homem de 30 anos ser preso, mas isso não acontece uma vez que ele mantém uma relação marital com a menina. Essa narrativa manifesta tanto as observações sobre o artigo 1.520 do Código Civil quanto a elucidação de Taylor et al. (2015) sobre essa dinâmica na prática,

Os casamentos informais envolvendo crianças e adolescentes no Brasil [...] estão motivados por uma combinação de fatores individuais e estruturais. [...] Gravidez ou iniciação sexual são usados para justificar um casamento na infância e adolescência (e muitas vezes a gravidez ocorre logo após a união) (p.127).

Ademais, a violência sexual e física contra as meninas e mulheres da floresta são retratadas mediante a naturalização do fenômeno, pois a objetificação sexual ocorre desde a ocupação do Acre, mediante o tráfico e a mercantilização das mulheres nos seringais acreanos (Carneiro, 2015). Com isso, não só a violência é minimizada, como a responsabilidade recai sobre as meninas fazendo com que elas vivenciem e convivam com o estigma do roubo, conforme apontado pelo historiador: “muitas das garotas ‘roubadas’ não retornam mais às escolas para não enfrentar os comentários pejorativos sobre sua condição social: ‘a menina que fugiu de casa com um homem’” (Souza, 2010, pp. 129-130).

O patriarcado dispõe aos homens a concessão de possuírem o livre acesso sexual sobre as mulheres (Saffioti, 2004/2015), e eles o colocam em prática, independente da faixa etária delas. Logo, percebe-se que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma ação abominada no plano das ideias, mas na prática há a reprodução da justificativa de que quando um homem seduz uma menina é porque ela já o seduziu antes, ou consentiu a investida sexual.

“Mulheres” roubadas na floresta: as Lolitas do Acre

Nota-se que tanto o filme quanto o capítulo são narrados por homens apresentando suas perspectivas sobre um mesmo fenômeno – a relação de um homem adulto com uma criança ou adolescente –, retratando-o de forma natural e romantizada. No que diz respeito ao fato da iniciação sexual, mesmo sendo um estupro, as duas narrativas convergem e desencadeiam uma dinâmica apontada nos estudos de Taylor et al. (2015) e Veiga (2019), ao culpabilizar crianças e adolescentes e as colocar na posição de mulheres adultas.

Independentemente da produção elaborada por Lyne (1997) apresentar um contexto diferente da obra de Souza (2010), ambas demonstram as etapas da violência sexual seguidas pelos homens com a finalidade de seduzir as meninas. Além disso, em *Lolita* (Lyne, 1997), Humbert apresenta a história sob o viés de que as suas ações só ocorreram mediante o consentimento de Dolores, ao passo que, Souza (2010), narra a forma como o meio social responsabiliza as meninas por se relacionarem com homens adultos.

Por conseguinte, a relação entre Humbert e Dolores é retratada de um modo que o espectador - que não esteja constantemente consciente da idade da menina -, encara as cenas apenas como um romance análogo ao de um casal composto por dois adultos. De forma igual, a cultura dos homens que roubam mulheres na floresta é apresentada por Souza (2010) como relações entre casais que executam uma fuga por estarem envoltos de uma paixão arrebatadora.

Sendo assim, ambas as narrativas romantizam e interceptam a violência sexual contra crianças e adolescentes sob o enunciado de uma relação amorosa habitual. Como efeito, alinhando-se aos estudos de Pateman (1993); Saffioti (2004/2015); Zanello, (2018), ocorre a naturalização e a reprodução dos privilégios concedidos aos homens, no tocante a satisfação dos desejos sexuais, não importando se o objeto sexual almejado é uma criança ou adolescente.

Para mais, o filme e o livro apresentam diferenças que naturalizam as formas de violência. A saber, no filme Dolores é apresentada como uma menina que se comporta como mulher apenas na intimidade do casal, pois quando ela está em público performa comportamentos infantis. A violência começa de forma sutil, apenas com Humbert decidindo sobre as ações de Dolores, em seguida ele começa a agredi-la fisicamente e psicologicamente como forma de legitimar sua autoridade quando ela não o obedece.

O livro demonstra que, uma vez que as meninas se relacionam e são roubadas, elas passam a conviver com o estigma da fuga e seus desdobramentos. A violência contra as meninas é apresentada como um fator habitual, por exemplo, o genitor de uma das meninas afirma para o historiador que todas possuem o direito de casar, mas precisam escolher uma boa pessoa porque se não, conforme as palavras dele: “Às vezes apanha, vai ser sofrida. É, aqui carrega, carrega, carrega e depois vai maltratar” (Souza, 2010, p.132).

Por fim, faz-se mister ressaltar que, as seguintes categorias: tocar sem consentimento de forma explícita, estupro implícito e explícito, violência sexual verbal (falas erotizadas), voyeurismo, jogos sexuais, sexo, e vulnerabilidade foram verificadas somente no filme. Isso se deve ao fato dessa produção ser, no que se refere a conteúdo, maior que o capítulo do livro, fornecendo um leque maior de aspectos a serem explorados e com uma maior riqueza de detalhes, mesmo que sob uma única perspectiva.

A violência que precisa ser disfarçada

Na obra produzida por Lyne (1997), em alguns momentos, especificamente cinco cenas, Humbert demonstra reconhecer que suas atitudes não condizem com as normas sociais. Em público, as ações do protagonista são permeadas pelo cuidado para que as outras pessoas acreditem que ele é o genitor de Dolores, como por exemplo, quando os dois se hospedam em um hotel, Humbert faz o seguinte anúncio para Dolores: “Lo. Escute, para os propósitos práticos, eu sou seu pai e sou responsável pelo seu bem estar” (Lyne, 1997). Logo, isso denota que mesmo que a obra seja remodelada e a violência sexual contra a menina seja apresentada como um romance, verificou-se a presença de uma denúncia no fato de que Humbert não possui autorização social para agir em público.

A violência contra as meninas da floresta quando é enunciada

No tocante a obra de Souza (2010), há uma narrativa que denuncia a violência sexual contra crianças e adolescentes, essa narrativa pertence a uma mulher, a professora Francisca. Francisca, leciona na zona rural e ao ser entrevistada expressou que a vulnerabilidade e a falta de conhecimento sobre educação sexual são fatores que facilitam a ocorrência de violência sexual contra as meninas. A professora argumenta,

É agressão. O roubo de mulheres acontece, acontece. Mas eu acho que também é a falta de conhecimento que elas têm pouco e se ilude com aquilo. E orientação, a falta de orientação que é pouco, porque a maioria dos pais não se preocupa, joga lá pra escola, aí não conversam, não tenta orientar. Se a gente na escola não orienta, eles não... Quando alguma foge com alguém, ela sai da escola. Sai, com certeza. Quando é na época do verão, a decadência na escola é muito grande (Souza, 2010, p.129).

Posto isso, tal apontamento corrobora os estudos de Taylor et al. (2016) e Veiga (2019), que apontam para a reprodução do controle e regularização que os pais, familiares,

maridos, entre outros, exercem sobre a sexualidade das meninas, por consequência, raramente são mobilizadas ações voltadas para a discussão sobre a sexualidade que visem a consolidação dos direitos sexuais de crianças e adolescentes. Por fim, convém mencionar que o historiador destaca que a fala da professora Francisca é a percepção dela sobre as “meninas que se deixam levar pelos namorados” (Souza, 2010, p.129), ou seja, o autor transmite a mensagem de que a compreensão dele sobre o fenômeno pode não estar de acordo com a da professora.

Considerações finais

A partir da análise do filme *Lolita* e do capítulo VIII: “Homens que roubam mulheres na floresta” foi identificada, em concordância com a fundamentação teórica trabalhada, a presença de violência sexual em ambas as obras. Por conseguinte, verificou-se que a narrativa do livro reproduz o modelo ocidental mostrado no filme por meio das suas similaridades.

As obras foram elaboradas mediante a perspectiva de homens que retratam as dinâmicas da violência sexual de forma naturalizada e romantizada na medida em que descrevem casos de violência sexual contra crianças e adolescentes transfigurados em relacionamentos amorosos. Ambas demonstram ser análogas no tocante às etapas que são percorridas pelos homens que objetivam seduzir crianças e adolescentes. Além disso, há a convergência entre as obras sobre a produção e reprodução da justificativa de que a violência sexual ocorre mediante o consentimento das vítimas, com efeito, elas são culpabilizadas e colocadas na posição de mulheres adultas pelo meio social.

Entende-se que a violência sexual contra crianças e adolescentes é uma expressão do poder garantido aos homens que fornece o frequente e irrestrito acesso sexual sobre as mulheres (Moreschi, 2018; Saffioti, 2004/2015). À vista disso, destaca-se a importância da ampliação de debates sobre as diferentes tecnologias de gênero na área da psicologia, pois é

imprescindível que haja a compreensão desses dispositivos que produzem e reproduzem modelos de violência, impactando nos processos de subjetivação das pessoas.

Destarte, uma vez que a violência sexual é capaz de comprometer a integridade do desenvolvimento físico e psicológico das vítimas, a psicologia, em conjunto com uma rede de proteção, possui o dever social de preservar ou restituir os direitos garantidos constitucionalmente às crianças e adolescentes. Assim sendo, a compreensão dos diferentes mecanismos utilizados pelas tecnologias de gênero, que provocam adoecimento psíquico, pode viabilizar a percepção sobre como o sofrimento é originado e constituído, além de fomentar uma visão ampliada a respeito das demandas emocionais e do funcionamento mental das vítimas de violência sexual.

No que concerne às limitações, a elaboração deste estudo deixou em destaque a insuficiência de informações no capítulo VIII, que para além de apresentar pouco material não apresenta a perspectiva das meninas sobre o fenômeno. Por outro lado, no filme há mais elementos para serem explorados, no entanto, não é possível acessar a história por meio da ótica de Dolores. Ainda, por se tratar de meios de comunicação diferentes, foram demandadas mudanças de estratégias para poder abranger os elementos presentes nas obras. Quanto às limitações pessoais da autora, houve dificuldades envolvendo saúde mental, tempo e espaço para conseguir trabalhar nesta produção em meio as adversidades provocadas pelo atual contexto social e político.

Por fim, preconiza-se a realização de uma análise aprofundada sobre as obras com o intuito de demonstrar como ocorre a violência sexual em ambas. Ademais, sugere-se a elaboração de estudos que investiguem os casos, em contexto semelhante, narrados sob a perspectiva feminina, para se ter o olhar da outra parte atravessada por esse fenômeno, verificando como meninas e adolescentes percebem suas vivências e, por conseguinte, comparar com a narrativa contada pelos homens.

Referências

- Amorim, S. M. F. (2005). Reflexões sobre o enfrentamento da exploração sexual comercial de crianças e adolescentes. In Silva, A. S., Senna, E., & Kassar, M. (Orgs.), *Exploração sexual comercial de crianças e adolescentes e tráfico para os mesmos fins: Contribuições para o enfrentamento a partir da experiência de Corumbá-MS*. (pp. 89-109). Organização Internacional do Trabalho. https://www.ilo.org/brasil/publicacoes/WCMS_233635/lang--pt/index.htm
- Batista, F. C. A. (2010). Lolita de Ramsdale x Lolitas de Hollywood: Uma análise do romance de Vladimir Nabokov e das adaptações fílmicas de Stanley Kubrick e Adrian Lyne [Dissertação de Mestrado, Universidade Presbiteriana Mackenzie]. Adelpha - Repositório Digital. <http://dspace.mackenzie.br/handle/10899/25435>
- Carneiro, E. D. A. (2014). “A fundação do Acre”: Um estudo sobre comemorações cívicas e abusos da história [Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo]. https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-15012015-174321/publico/2014_EduardoDeAraujoCarneiro_VCorr.pdf
- Childhood Brasil. (2019, Setembro 09). Tipos de abuso sexual de crianças e adolescentes: Abuso sexual pode acontecer com ou sem contato físico. <https://www.childhood.org.br/tipos-de-abuso-sexual-de-criancas-e-adolescentes>
- Federici, S. (2017). *Calibã e a bruxa: Mulheres, Corpo e a Acumulação Primitiva* (Coletivo Sycorax trad.). Editora Elefante.
- Fundo das Nações Unidas para a Infância. (2019). *30 Anos da Convenção Sobre os Direitos da Criança: Avanços e desafios para meninas e meninos no Brasil*. <https://www.unicef.org/brazil/media/6276/file/30-anos-da-convencao-sobre-os-direitos-da-crianca.pdf>

- Gadelha, G., & Santos, B. R. D. (2013). Plano nacional de enfrentamento da violência sexual contra crianças e adolescentes. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/plano-nacional-de-enfrentamento-da-violencia-sexual-contra-criancas-e-adolescentes.pdf/view>
- Lauretis, T. (1994). A tecnologia do gênero (Funck, S. trad.). In Hollanda, H. B. (Org.), *Tendências e Impasses - O feminismo como crítica da cultura*. (pp. 206-242). Rocco.
- Lazarin, D. H., & Vianna, V. L. L. (2009). Representações da personagem Lolita: do romance de Nabokov ao filme de Adrian Lyne. *Revista de Literatura, História e Memória*, 5(5), 301-312. <https://e-revista.unioeste.br/index.php/rlhm/article/view/2119>
- Lyne, A. (Diretor). (1997). *Lolita* [filme]. Pathé Films.
- Minayo, M. C. S. (2014). *O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde*. (14^a ed.). Hucitec Editora.
- Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos. (2021). *Abuso Sexual contra Crianças e Adolescentes – Abordagem de Casos Concretos em uma Perspectiva Multidisciplinar e Interinstitucional*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/maio/CartilhaMaioLaranja2021.pdf>
- Moreschi, M. T. (2018). Violência contra crianças e adolescentes: Análise de cenários e propostas de políticas públicas. Ministério dos Direitos Humanos. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/centrais-de-conteudo/crianca-e-adolescente/violencia-contra-criancas-e-adolescentes-analise-de-cenarios-e-propostas-de-politicas-publicas-2.pdf>
- Pateman, C. (1993). O contrato sexual. (Avancini, M. trad.). Paz e Terra. https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/4403853/mod_resource/content/1/O%20Contrato%20Sexual%20-%20Carole%20Pateman.pdf

- Rossi, M. (2021, Outubro 22). A cada hora, cinco crianças e adolescentes são vítimas de violência sexual no Brasil. El país. <https://brasil.elpais.com/brasil/2021-10-22/a-cada-hora-cinco-criancas-e-adolescentes-sao-vitimas-de-violencia-sexual-no-brasil.html>
- Saffioti, H. (2015). *Gênero, Patriarcado e Violência*. (2a ed.). Expressão Popular: Fundação Perseu Abramo. (Originalmente publicado em 2004).
- Santos, B. R. D., & Ippolito, R. (2020). Guia de referência: construindo uma cultura de prevenção à violência sexual (4a ed.). Childhood - Instituto WCF-Brasil. https://www.childhood.org.br/childhood/publicacao/Guia_de_Refere%CC%82ncia_4_Edic%CC%A7a%CC%83o_2020_PAG_DUPLA.pdf
- Silva, M. A., & Koller, S. H. (2008). A criança na visão de homens acusados de abuso sexual: um estudo sobre distorções cognitivas. *Psico-USF*, 13(1). 85-94. <https://www.scielo.br/j/pusf/a/hqfkXbLZsBssDYPjfVfVnyB/?format=pdf&lang=pt>
- Souza, C. A. A. (2010). Homens que roubam mulheres na floresta. In C. A. A. Souza, *Aquirianas: mulheres da floresta na história do Acre* (pp. 127-135). Instituto de Pesquisa, Ensino e de Estudos das Culturas Amazônicas.
- Taylor, A., Lauro, G., Segundo, M., & Greene, M. (2015). “Ela vai no meu barco”: *Casamento infantil na infância e adolescência no Brasil*. Instituto Promundo. https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2015/07/SheGoesWithMeInMyBoat_ChildAdolescentMarriageBrazil_PT_web.pdf
- Veiga, M. V. A. (2019). “Com duas semanas ele colocou aliança no meu dedo”: Meninas esposas na trama dos casamentos infantis no Brasil. [Dissertação de Mestrado,

Universidade de Brasília]. Repositório Institucional da UNB.

<https://repositorio.unb.br/handle/10482/42249>

Vieira, M. S. (2018). As representações sociais da violência sexual infanto-juvenil em profissionais da política de Assistência Social. *O social em questão*. (42), 23-44.

http://osocialemquestao.ser.puc-rio.br/media/OSQ_42_SL_2.pdf

Von Hohendorff, J., & Patias, N. D. (2017). Violência sexual contra crianças e adolescentes: identificação, consequências e indicações de manejo. *Barbarói*, (49), 239 - 257.

<https://doi.org/10.17058/barbaroi.v0i49.9474>

Zanello, V. (2018). *Saúde mental, gênero e dispositivos: Cultura e processos de subjetivação*. Editora Appris.